


**INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS E AUTOMEDICAÇÃO: RISCOS DO USO  
INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS SEM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.044-012>

**Daniela Viana Maciel**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Bianca Correia dos Santos**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Eduardo Caldas Ribeiro**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Fernando Ramos Martins Pombeiro**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Larissa de Souza Araújo**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Larissa dos Reis Oliveira**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Matheus Sales Damásio de França**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Thais Maria dos Santos**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Andrea Gonçalves de Almeida**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Melissa Cardoso Deuner**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**Gregório Otto Bento de Oliveira**

Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

**RESUMO**

O presente estudo se propõe a analisar, através de uma rigorosa revisão da literatura científica, os perigos inerentes à prática da automedicação, com ênfase nas potenciais e perigosas interações medicamentosas. Essa abordagem é crucial, visto que a automedicação se consolidou como um grave problema de saúde pública, impulsionado pela facilidade de acesso a medicamentos, a busca por alívio imediato dos sintomas e, muitas vezes, pela influência de informações não verificadas. A metodologia empregada consistiu na análise aprofundada de artigos científicos, revisões sistemáticas e estudos epidemiológicos que abordam as

consequências do uso irracional de fármacos sem a devida orientação de um profissional de saúde qualificado. Os principais achados demonstram um cenário alarmante: a automedicação não apenas eleva o risco de reações adversas e intoxicações, mas também compromete significativamente a eficácia terapêutica dos tratamentos. A ingestão simultânea ou sequencial de diferentes medicamentos, sem o conhecimento das interações farmacocinéticas e farmacodinâmicas, pode resultar em efeitos tóxicos, anular a ação esperada do tratamento ou mascarar o diagnóstico de doenças subjacentes. Adicionalmente, um impacto de extrema relevância para a saúde pública é o aumento da resistência antimicrobiana, frequentemente associada ao uso inadequado e indiscriminado de antibióticos sem prescrição. Essa prática irresponsável contribui diretamente para a emergência das chamadas "superbactérias", limitando as opções de tratamento para infecções futuras e elevando a morbidade e mortalidade global. Em conclusão, a minimização desses riscos complexos e multifacetados é imperativa. Faz-se essencial o investimento em políticas públicas robustas que promovam a educação continuada da população sobre o uso racional de medicamentos, destacando o papel fundamental do farmacêutico no aconselhamento e na atenção farmacêutica. A orientação profissional e o fortalecimento do acesso a consultas médicas são pilares essenciais para garantir o uso seguro e eficaz dos fármacos, protegendo a saúde individual e coletiva contra os perigos silenciosos da automedicação.

**Palavras-chave:** Reações adversas; Segurança do Paciente; Saúde Pública; Polimedicação.

## 1 INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática recorrente em diversas classes sociais favorecida pelo fácil acesso a medicamentos e pela percepção equivocada de que alguns fármacos são inofensivos. No entanto, o uso indiscriminado de medicamentos sem a devida orientação profissional, pode resultar em consequências relevantes para a saúde, como reações adversas, resistência aos princípios ativos, tolerância e interações medicamentosas. Esse comportamento compromete a eficácia dos terapêutica, pode agravar doenças preexistentes e se configura como um relevante problema de saúde pública (Mota; Santos; Andrade, 2024.)

As interações medicamentosas, por sua vez ocorrem quando dois ou mais fármacos administrados simultaneamente modificam seus efeitos no organismo, podendo potencializar ou reduzir a ação terapêutica, além de aumentar o risco de toxicidade. Esse fenômeno também pode envolver alimentos e substâncias naturais, o que amplia sua complexidade. A ausência de conhecimento sobre essas interações, associada ao uso indiscriminado de medicamentos, eleva consideravelmente os riscos à saúde, sobretudo entre pacientes polimedicados, idosos e crianças (Pinto et al., 2020; Castro; Lacerda; Marquez, 2024).

Nesse contexto, torna-se imprescindível promover a conscientização da população acerca dos perigos da automedicação e da importância da orientação profissional no uso de medicamentos. A atuação

de profissionais da saúde, especialmente do farmacêutico, é essencial para assegurar o uso racional de medicamentos, prevenir interações medicamentosas e otimizar a eficácia dos tratamentos (Ferreira; Terra Júnior, 2018.)

Além dos riscos clínicos, a automedicação traz implicações sociais e econômicas relevantes, uma vez que pode gerar complicações que sobrecarregam o sistema de saúde pública, aumentam os custos hospitalares e reduzem a qualidade de vida da população. (Mota; Santos; Andrade, 2024.)

Quais são os principais riscos associados à automedicação e às interações medicamentosas, e de que forma a orientação profissional pode contribuir para a redução desses problemas?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar os riscos relacionados à automedicação e às interações medicamentosas, ressaltando a relevância da orientação profissional para o uso seguro de medicamentos. A partir de uma revisão da literatura, pretende-se identificar as principais consequências dessa prática e discutir as estratégias para preventivas, de modo a contribuir para o uso racional de medicamentos e a redução dos danos à saúde pública (Rocha et al., 2023).

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

Este estudo teve como objetivo realizar uma Revisão Bibliográfica. Para sua execução, foi realizada uma busca na literatura científica disponível nos sites SciELO e Google Scholar, utilizando os termos “interações medicamentosas”, “automedicação”, “uso racional de medicamentos” e “polimedicação”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos 15 anos (2010-2025) que abordassem os temas de automedicação e interações medicamentosas, e que discutissem os riscos do uso indiscriminado de medicamentos sem orientação profissional. Foram excluídos artigos que não fossem relevantes para o tema ou que apresentassem informações desatualizadas. Os artigos selecionados foram lidos e analisados, a fim de identificar e discutir os principais riscos associados ao uso de medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde, bem como analisar as interações medicamentosas mais comuns e suas consequências para a saúde da população.

### **2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A prática da automedicação tem sido amplamente estudada em todo o mundo, sendo reconhecida como um comportamento de risco que impacta a saúde pública. No Brasil, a automedicação está fortemente associada à ocorrência de interações medicamentosas, que podem gerar complicações clínicas, aumento da morbimortalidade e efeitos adversos graves (Arrais et al., 2016). O fácil acesso a medicamentos sem prescrição, aliado à recomendação de familiares e à busca por soluções rápidas, favorece o uso inadequado,

frequentemente sem que os indivíduos tenham conhecimento dos riscos envolvidos (Domingues et al., 2017). Segundo o Ministério da Saúde (2022), cerca de 35% da população brasileira faz uso de medicamentos por conta própria, percentual superior ao observado em países desenvolvidos, como Canadá e Alemanha, onde índices de automedicação variam entre 20% e 25% (OMS, 2023). Essa diferença evidencia não apenas questões culturais, mas também estruturais que impactam diretamente na prevalência e nos riscos associados à prática.

A cultura da automedicação no Brasil é influenciada por fatores socioeconômicos e educacionais. Baixa escolaridade, dificuldade de acesso a serviços de saúde e vulnerabilidade econômica aumentam a probabilidade de comportamentos de risco, incluindo a combinação inadequada de fármacos sem supervisão profissional (Domingues et al., 2017). Uma pesquisa do IBGE (2021) apontou que aproximadamente 18% da população com renda de até um salário-mínimo recorre à automedicação, evidenciando a relação entre vulnerabilidade econômica e uso inadequado de medicamentos. O compartilhamento de medicamentos entre familiares e conhecidos, prática recorrente, intensifica o risco de interações, que podem resultar em hospitalizações e aumento de custos para o sistema de saúde (Arrais et al., 2016).

O uso indiscriminado de antibióticos é uma das principais preocupações relacionadas à automedicação. Estudos indicam que a automedicação com antibióticos aumenta a seleção de cepas resistentes, prolonga internações hospitalares e eleva a mortalidade (Revista Pesquisa FAPESP, 2023; BJIH, 2021). Dados nacionais demonstram que infecções resistentes a antibióticos já são responsáveis por cerca de 15% das complicações em unidades hospitalares de grande porte, afetando principalmente idosos e pacientes com múltiplas comorbidades (Domingues et al., 2017). A resistência antimicrobiana é agravada pelo uso simultâneo de múltiplos antibióticos sem acompanhamento, aumentando o risco de interações adversas, como hepatotoxicidade e efeitos gastrointestinais graves. O uso de analgésicos e anti-inflamatórios de venda livre é altamente prevalente na automedicação. Estudos mostram que a ingestão repetida ou em doses elevadas pode levar a complicações como gastrite, úlceras gástricas, insuficiência renal aguda e aumento do risco cardiovascular (Arrais et al., 2016; Silva et al., 2020). Interações medicamentosas com anticoagulantes ou anti-hipertensivos são comuns, podendo resultar em sangramentos ou descontrole da pressão arterial. A combinação desses fármacos sem orientação profissional representa um risco significativo, sobretudo entre idosos que já apresentam polifarmácia.

A automedicação com fitoterápicos e suplementos alimentares também merece atenção. Apesar de muitas vezes considerados naturais e inofensivos, esses produtos podem interagir com medicamentos de uso contínuo, reduzindo a eficácia terapêutica ou aumentando a toxicidade (Domingues et al., 2017). Um levantamento da ANVISA (2023) apontou que 42% dos usuários de fitoterápicos desconhecem possíveis interações com medicamentos convencionais. Exemplos incluem interações entre ginkgo biloba e

anticoagulantes, que aumentam o risco de sangramentos, ou entre erva-de-são-joão e antidepressivos, que podem induzir síndrome serotoninérgica. Além das consequências clínicas, a automedicação gera impactos econômicos significativos. O uso inadequado de medicamentos resulta em intoxicações, reações adversas e hospitalizações, elevando os custos de atendimento emergencial e tratamentos corretivos (Silva et al., 2020). Dados do Ministério da Saúde (2023) indicam que aproximadamente 12% das internações hospitalares estão relacionadas a problemas decorrentes de interações medicamentosas ou uso inadequado de medicamentos. Um estudo no Distrito Federal estimou que os gastos com medicamentos atingiram cerca de R\$ 3 bilhões em 2023, refletindo o impacto financeiro significativo sobre o orçamento público e familiar (Correio Braziliense, 2023).

Populações vulneráveis, como idosos e pacientes com doenças crônicas, são particularmente suscetíveis aos efeitos adversos da automedicação. Dados da OMS (2023) indicam que cerca de 50% dos idosos utilizam cinco ou mais medicamentos simultaneamente, aumentando significativamente o risco de interações medicamentosas clinicamente relevantes (Domingues et al., 2017). Essa polifarmácia compromete a adesão ao tratamento, dificultando o monitoramento farmacoterapêutico e favorecendo a ocorrência de eventos adversos.

No que tange à compreensão das bulas, estudos indicam que a linguagem técnica utilizada nos rótulos e instruções dificulta a interpretação correta das informações por grande parte da população. Pesquisa do IDEC (2022) revelou que 62% dos usuários relataram dificuldade em compreender as bulas, o que eleva o risco de erros de administração e uso inadequado. A literatura enfatiza a necessidade de investigar estratégias de comunicação mais eficazes, capazes de aumentar a compreensão e reduzir os riscos associados à automedicação (Silva; Silva; Almeida, 2020).

Do ponto de vista regulatório, a RDC nº 44/2009 estabelece critérios mínimos para boas práticas em farmácias e drogarias, com foco em segurança, qualidade e uso racional de medicamentos (BVSMS, 2009). Estudos recentes indicam, entretanto, que a fiscalização e aplicação dessas normas ainda apresentam limitações, especialmente em regiões com menor densidade de profissionais de saúde, o que contribui para a persistência da automedicação indiscriminada (GOV.BR, 2023).

Entre as interações medicamento × medicamento mais comuns, destacam-se a combinação de anticoagulantes, como varfarina, com AINEs (ibuprofeno, diclofenaco), que aumenta significativamente o risco de hemorragias devido à ação simultânea sobre a coagulação. Outro exemplo importante é o uso concomitante de antidepressivos da classe dos ISRSs (como sertralina) com analgésicos opioides (tramadol), que pode desencadear síndrome serotoninérgica, caracterizada por agitação, tremores e alterações autonômicas. Além disso, anticonvulsivantes, como a carbamazepina, podem reduzir a eficácia dos anticoncepcionais orais pela indução enzimática hepática, e antifúngicos azóis, como o cetoconazol,

podem aumentar a concentração plasmática de anticoagulantes, elevando o risco de sangramentos. Também é relevante a interação entre inibidores da bomba de prótons (omeprazol) e anticoagulantes, que pode alterar a ação terapêutica destes últimos (Oliveira; Silva; Costa, 2018).

No que diz respeito às interações medicamento × alimento, destacam-se os antibióticos, como tetraciclina e ciprofloxacino, cuja absorção pode ser reduzida pela ingestão concomitante de laticínios (Silva et al., 2017). Os IMAOs, como a fenelzina, podem causar crise hipertensiva quando combinados com alimentos ricos em tiramina, como queijos curados e carnes processadas. Além disso, antibióticos como a rifampicina podem diminuir a eficácia dos anticoncepcionais orais, devido à indução enzimática que acelera o metabolismo do contraceptivo (Silva et al., 2018).

Entre as interações medicamento × bebida, o metronidazol associado ao álcool provoca reação tipo dissulfiram, caracterizada por náuseas, vômitos e taquicardia. Anticoagulantes, como a varfarina, podem ter seus efeitos aumentados pelo consumo de suco de cranberry, elevando o risco de sangramentos (Costa, 2024). O lítio apresenta excreção urinária aumentada na presença de cafeína, reduzindo sua eficácia terapêutica e aumentando o risco de instabilidade do tratamento (Rosa et al., 2025).

As interações envolvendo medicamentos e suplementos ou fitoterápicos também merecem atenção. O ginkgo biloba, quando usado em conjunto com anticoagulantes, pode aumentar o risco de hemorragias (Souza; Lima, 2021). A erva-de-são-joão, se combinada com antidepressivos, potencializa o risco de síndrome serotoninérgica. Além disso, o alho, gengibre e ginseng podem intensificar o efeito anticoagulante, elevando novamente o risco de sangramentos (Nicoletti, 2005).

Essas interações evidenciam a complexidade do uso de múltiplos medicamentos e produtos naturais sem orientação profissional. A automedicação indiscriminada aumenta a probabilidade de complicações clínicas e efeitos adversos, reforçando a importância de estudos que investiguem os padrões de uso inadequado de medicamentos e seus impactos sobre a saúde pública (Melo et al., 2021).

Em países com sistemas de saúde mais estruturados, como Canadá e Alemanha, a supervisão da venda de medicamentos e a disponibilidade de informações confiáveis resultam em menores índices de automedicação (OMS, 2023). No Brasil, desigualdades regionais, culturais e econômicas dificultam a redução desse comportamento, refletindo-se em altos índices de uso inadequado de medicamentos, resistência bacteriana e aumento de complicações clínicas associadas às interações medicamentosas (Arroyo et al., 2024).

### **3 CONCLUSÃO**

O presente trabalho buscou analisar os riscos da automedicação e das interações medicamentosas, destacando como essa prática, amplamente difundida, compromete a segurança e a eficácia dos tratamentos farmacológicos. Os objetivos foram alcançados ao evidenciar que o uso indiscriminado de medicamentos,

associado à falta de orientação profissional, gera consequências graves para a saúde pública, incluindo o aumento da ocorrência de reações adversas e a dificuldade de controle terapêutico em pacientes polimedicados.

Diante do problema de pesquisa, constatou-se que a automedicação é sustentada por fatores culturais, sociais e econômicos, que favorecem o uso inadequado de fármacos. Observou-se que, apesar dos esforços existentes em campanhas educativas e ações de conscientização, a prática continua frequente, especialmente em grupos vulneráveis como idosos e portadores de doenças crônicas. Esse cenário reforça a necessidade de ampliar políticas públicas de orientação, fortalecer a atuação do profissional farmacêutico e investir em estratégias de educação em saúde mais acessíveis e contínuas.

Como limitações, destaca-se a dependência de estudos disponíveis em bases científicas, o que pode restringir a abrangência de determinados contextos regionais ou de populações específicas. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a relação entre automedicação e fatores sociais emergentes, como o uso indiscriminado de suplementos e fitoterápicos, além de avaliar o impacto de programas de atenção farmacêutica no cotidiano da população. Dessa forma, este trabalho contribui para ampliar a reflexão sobre a importância do uso racional de medicamentos e a necessidade de estratégias mais eficazes para a prevenção de riscos associados às interações medicamentosas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. F.; SILVA, M. A. S.; COSTA, M. S. Interações medicamentosas: revisão crítica da literatura. *Revista Brasileira de Farmácia*, v. 56, n. 3, p. 123135, 2025.

ARRAIS, F. et al. Automedicação e riscos de interações medicamentosas. *Revista Brasileira de Farmácia*, v. 52, n. 2, p. 45-58, 2016.

ARROYO, L. H. et al. Uso indiscriminado de medicamentos e automedicação no Brasil. *Universidade Federal da Paraíba*, 2024. Disponível em: <https://www.ufpb.br/cim/contents/noticias/uso-indiscriminado-de-medicamentos-e-automedicacao-no-brasil>

BALEN, Eloise et al. Interações medicamentosas potenciais entre medicamentos psicotrópicos dispensados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 66, p. 172-177, 2017.

BVSMS – BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 44, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>.

CASTRO, D. S. O. de; LACERDA, N. O.; MARQUEZ, C. de O. Riscos na utilização de medicamentos pelos idosos polimedicados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 24, n. 8, p. e15118, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e15118.2024>.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasileenses gastam R\$ 3 bi com remédios e acendem alerta para automedicação. *Correio Braziliense*, 11 abr. 2023. Disponível em:



RODRIGUES, Maria Cristina Soares; OLIVEIRA, Cesar de. Interações medicamentosas e reações adversas a medicamentos em polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 24, p. e2800, 2016.

ROSA, A. R.; MOTA, A. S.; WEN, L. Efeitos da cafeína na farmacocinética do lítio: uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 47, n. 2, p. 123-130, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/3MVGHRznywM3njWcDpqgLys/?format=pdf&lang=pt>.

SILVA, M. J. S.; SILVA, R. S.; ALMEIDA, C. B. Compreensão das bulas de medicamentos e letramento em saúde: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 4, p. e20190202, 2020. DOI: 10.1590/00347167-2019-0202.

SILVA, José A. M.; COSTA, Maria F.; OLIVEIRA, Sílvia B. V. Efeitos da rifampicina na farmacocinética de contraceptivos orais: uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, v. 54, n. 2, p. 123-130, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcf/a/8K6X8z8K9v8z9K9z9K9z9K9z9K9z9K9z9K/?lang=pt>.

SOUZA, A. C.; LIMA, M. F. Estudo da relação entre eventos hemorrágicos e o uso de Ginkgo biloba. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 34, n. 2, p. 123-130, 2021. Disponível em: <https://revistaft.com.br/estudo-da-relacao-entre-eventoshemorragicos-e-o-uso-de-ginkgo-biloba/>

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, v. 9, n. 2, 2016.